

Como o rock brasileiro permite pensar o mundo do trabalho dos jovens

Marcos Roberto Mesquita¹

RESUMO

O presente artigo aborda músicas da Banda Legião Urbana como forma de reflexão para estudo da categoria juventude e da sua relação com o mundo do trabalho. O rock'n'roll, ritmo a que essa banda pertence, é mais do que um estilo musical, pois é uma forma de pensar o mundo e a vida em sociedade. Ao analisar duas músicas dessa banca podemos analisar conceitos, tais como sociedade, trabalho, desemprego, precarização, identidade e vulnerabilidade. Há uma simbiose entre os jovens e o rock. Esse estilo musical influenciou a vida, ditou tendências de moda e de comportamento, em especial nos jovens. Deste modo, o rock é um elemento de expressão da juventude, que questiona os padrões e os valores morais e comportamentais da sociedade. Assim, esse artigo se propõe a apresentar reflexões acerca do mundo do trabalho e da precarização da mão de obra jovem perpassando por questões sociais inerentes a essa categoria sociológica.

Palavras-chave: Juventude, trabalho, rock, cultura, sociedade.

1. Introdução

A arte permite que as pessoas pensem sobre a sociedade e sobre elas mesmas. Uma arte que é produzida por jovens e para jovens é a música, em especial o rock. A partir do rock os jovens dizem o que sentem, fazem críticas sociais e pensam situações em que estão inseridos, como no mundo do trabalho.

Ser jovem é vivenciar um momento de questionamentos, de angústias, de mudanças e de preparação para a vida adulta. É na juventude que os indivíduos normalmente possuem o primeiro contato com o mundo do trabalho, que tende a ser marcado por dificuldades. Ao mesmo tempo em que muitos empregos conseguidos

¹ Sociólogo, mestre em Sociologia e Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). É professor no Instituto Federal Catarinense (IFC), campus Videira – SC.

pelos jovens são marcados pela informalidade e pela precariedade. Essas dificuldades são muitas vezes relatadas em músicas de rock e são uma forma de os jovens ‘gritarem’ para a sociedade o que eles têm passado e a necessidade de mudanças, especialmente para que tenha acesso aos direitos que garantem à cidadania.

No artigo será realizada uma discussão teórica do conceito de juventude, bem como do mundo do trabalho encontrado pelos jovens no Brasil desde os anos 1990. Além disso, serão analisadas as seguintes músicas da Legião Urbana: “Música de Trabalho” e “Aloha”, ambas do álbum “A Tempestade ou Livro dos Dias”, de 1996.

2. A categoria juventude e o mundo do trabalho

A juventude é um conceito sociológico, assim como é uma fase de transição entre a infância e a vida adulta. Segundo Welters (2009), a magnitude da juventude varia de sociedade para sociedade e pode variar a partir da cultura, da classe social e da etnia. Neste texto, quando falamos em juventude, pensamos nos indivíduos que possuem entre 15 e 29 anos, segundo definição do Estatuto da Juventude, que se refere à lei nº 12.852/2013. Vale lembrar que para a Organização das Nações Unidas (ONU), a juventude se refere aos jovens que possuem entre 15 e 24 anos.

Os estudos sociológicos sobre a juventude se expandiram nas últimas décadas. Pesquisar a juventude é relevante, pois os jovens são fundamentais para o desenvolvimento do país, visto que serão os adultos de amanhã. Vale salientar que a juventude é vivenciada de forma diversificada e desigual, pois varia conforme a origem social, a renda, a etnia, o gênero e as diferenças entre campo e cidade.

Os jovens, como todos os grupos sociais, sofrem influências dos contextos sociais, econômicos, políticos e culturais nos quais se inserem. Souza e Lussi (2019) afirmam que a juventude é um conceito socialmente construído e que seu sentido pode variar entre diferentes sociedades.

Souza e Lussi (2019) argumentam a partir de literatura internacional sobre a saúde e o trabalho juvenil, que os jovens são mais propensos a sofrerem opressões

IX Seminário de Pesquisa FEPESP – “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas”
De 09 a 13 de novembro de 2020
GT 10 – Economia de Plataforma, Reformas Trabalhistas, Mundo do Trabalho e Juventudes.

no ambiente de trabalho e a permanecerem em atividades que são menos valorizadas pela sociedade.

As dificuldades encontradas pelos jovens no mundo do trabalho não são uma exclusividade brasileira, visto que em diversos países essas dificuldades são verificadas a partir de especificidades nacionais e de políticas próprias de combater o desemprego juvenil. Há países que possuem ações voltadas para a qualificação da mão-de-obra juvenil, enquanto outros desenvolveram instrumentos para facilitar o ingresso no mercado de trabalho ou mesmo medidas para retardar a inserção ocupacional dos jovens.

Vale salientar que no Brasil, os jovens estão entre os grupos mais afetados pelas transformações no mercado de trabalho no Brasil dos anos 1990 e 2000 e encontram dificuldades tanto para ingressar quanto para se manter no emprego. Corrochano e Abramo (2016) afirmam que o trabalho é algo central para parcela significativa da juventude brasileira, pois há muitas dificuldades de os jovens conseguirem acessar e permanecer em postos de trabalho, sobretudo aqueles que garantem os direitos trabalhistas.

Souza e Lussi (2019) demonstram que nos últimos anos cresceu o número de jovens inseridos em trabalhos informais. Sobre isso eles dizem:

Acerca do trabalho na informalidade, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) caracteriza-o como sendo precário, instável, com baixa remuneração, escasso de direitos e de proteção social. Sobre trabalho informal e juventude, a OIT aponta que de cada dez empregos de jovens na região da América Latina e do Caribe, seis são informais (OIT, 2015). Com relação especificamente à realidade brasileira, o último relatório do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) sobre trabalho decente e juventude, identificou que a faixa etária de 15 a 17 é a mais inserida em trabalhos informais no Brasil. Logo após, se encontram os jovens de 18 a 24 anos, seguidos dos jovens de 25 a 29 anos. Ainda, mais da metade dos jovens de 15-29 anos (52,07%) trabalha e não participa de nenhuma atividade educacional (IPEA, 2015). (SOUZA & LUSSI, 2019, p. 127).

Já faz algum tempo que se ampliou no Brasil o tempo de escolarização dos jovens brasileiros, parte deles chega ao Ensino Superior, contudo essa ampliação de escolaridade não é garantia para que consigam se inserir no mundo do trabalho e não é pequeno o número de jovens que não conseguem conciliar educação e trabalho. O

desemprego dos jovens é um sério problema social no Brasil e em diversos países, tal como demonstram pesquisas e dados da Organização Mundial do Trabalho (OIT).

De acordo com Bombach (2004), a juventude desempregada enfrenta um momento de desamparo e é cerceada pelo fantasma da desilusão. O jovem em busca “de um espaço, de uma inserção social que custa a chegar e que, quando chega, nem sempre representa a situação por ele esperada, ou por seus pais, que nele depositaram a esperança de uma vida melhor” (Bombach, 2004, p. 67). Por isso, resta a muitos jovens aceitar empregos precários, sobretudo aqueles distantes dos instrumentos de proteção social, os postos de trabalho informais. Junto a isso se dá o aumento da participação dos jovens nos empregos do setor terciário da economia (comércio e serviços), ao mesmo tempo em que ocorreu a diminuição considerável no setor industrial. Bombach afirma que a juventude atual possui como plano de carreira estar ‘empregada’ no dia seguinte.

3. Juventude e rock

O rock surgiu nos EUA na década de 1950, teve a influência do blues e do jazz e da cultura negra. Ao longo do tempo o rock se transformou em um produto cultural que foi consumido primeiramente pelos estadunidenses e depois se espalhou por diversos países. O rock pode ser pensado como uma manifestação cultural que permite reflexões sobre as relações sociais, econômicas, políticas e culturais.

Além disso, o rock é um elemento de expressão da juventude, que questiona os padrões e os valores morais e comportamentais da sociedade. O rock pode ser um elemento influenciador de uma identidade juvenil, sobretudo por dar atenção aos jovens e por representar medos e desejos desse grupo social. Demarchi (2006) argumenta que os jovens são os principais consumidores das canções produzidas pelo rock. No entendimento deste autor, o rock é uma música feita por e para jovens, além de ser um elemento catalisador de uma linguagem juvenil.

Demarchi (2006) afirma que o rock vai além de canções, pois cria signos, como as roupas, os cabelos, a forma de dançar, além de outros elementos que vão identificar o que é ser jovem. “O rock surge então como uma linguagem

especificamente juvenil denotando, tanto na contribuição das canções quanto na forma de apresentá-las, uma série de rupturas com o ‘mundo adulto’”. (DEMARCHI, 2006, p. 27).

Anaz (2013) entende que, desde o início do rock, juventude e esse estilo musical não deixaram mais de estar relacionados. Este autor relata que o rock foi por muito tempo a arte preferida da juventude para conseguir expressar seus anseios por liberdade, sua rebeldia e o seu inconformismo em relação ao mundo à sua volta. “Para desespero de pais, professores, autoridades e religiosos, no começo dos anos 1950 um novo ritmo musical começou a expressar o que a juventude realmente pensava sobre o mundo à sua volta.” (ANAZ, 2013, p. 13).

Prado (2014) afirma que tem crescido o número de estudos sobre o rock brasileiro dos anos 1980 e 1990 e que chama atenção as formas como algumas bandas abordaram em suas canções a temática mundo do trabalho. Esse autor considera a música como uma relevante fonte de pesquisa e destaca: “... o rock marcou a história da música popular brasileira, haja vista o interesse do mercado fonográfico no período e a quantidade de fãs que os artistas da época tiveram.” (Pág. 266). Prado argumenta que em algumas questões as bandas brasileiras dos anos 1980 questionavam importantes instituições de nossa sociedade, como família, escola e política, que eram consideradas como vazias e sem sentido.

Conforme afirma Prado, o rock brasileiro foi influenciado pelo punk britânico e aqui as experiências punks aconteceram em várias cidades e regiões brasileiras e as canções produzidas ajudaram os jovens a refletir sobre as relações com o mundo do trabalho e os antagonismos existentes entre patrões e trabalhadores. O mundo do trabalho se apresentou nos anos 1980 e 1990 com muitas transformações. Prado (2014) ainda destaca que:

Assim, os grupos de rock nacional começaram a exclamar em suas composições diversas temáticas, não ficando circunscritos somente a questões de cunho político, muito embora essas fossem, naquele momento, importante baliza nas discussões que permeavam a sociedade brasileira. (Pág. 267).

Prado (2014) ao analisar cinco canções de rock brasileiro percebeu que o tema trabalho era tratado nas canções de forma negativa, pois significava tristeza, opressão

e miséria. A primeira música analisada foi “Caminhando para o nada” da banda punk Garotos Podres (1988), que contém uma crítica sobre a exploração e precarização sofrida pelos trabalhadores e em um trecho há uma referência ao pensamento marxista, quando se diz: “Você entrega o seu tempo/ Seu orgulho, seu sentimento/ Sua força de trabalho/ Tudo em troca de salário”. Prado menciona que a música dos Garotos Podres é carregada de fúria e ira e traz a sensação de que o indivíduo retratado na música vive uma angústia por sua situação de precarizado. Outro ponto destacado por Prado na música é o fato do Estado e da Igreja não se preocuparem com a situação de miséria e precarização vivenciada pelos trabalhadores.

A segunda canção tratada por Prado é “Pressão Social” da banda punk Plebe Rude (1992). Segundo Prado, a canção é carregada de revolta e tristeza e das pressões sofridas pelos trabalhadores. Entre essas pressões estão a necessidade de qualificação profissional e diz a música: “Há uma espada sobre a minha cabeça/ É uma pressão social que não quer que eu me esqueça/ Que tenho que estudar/ que tenho que trabalhar/ que tenho que ser alguém/ não posso ser ninguém”.

Além disso, a música da Plebe Rude demonstra que a cultura do trabalho ampliou a competição entre os indivíduos e diz: “Que a minha vitória é a derrota dele/ é o meu lucro é a perda dele/ que eu tenho que competir/ que eu tenho que destruir”. Prado diz que a pressão sofrida pelo personagem da música faz que ele acabe por se conformar e faça a adesão à lógica que criticou. No fim da música diz o seguinte: “E quem conforma o sistema engole/ e quem rebela o sistema come”.

A terceira música abordada por Prado é “Abuso de paciência” da banda punk Garotos de Rua, que trata da precarização e da exploração sofrida pelos trabalhadores, mas está focada na situação dos jovens. O personagem da música conseguiu um trabalho, mas no momento de executá-lo teve contato com a baixa remuneração, o controle do tempo e a ausência de tempo livre. “Diante de tais resultados, o trabalho que possivelmente traria identificação e reconhecimento foi reconhecido como um fardo a ser carregado pelo sujeito” (Prado, 2014, p. 274).

A quarta música tratada por Prado é “Teatro dos vampiros” da Legião Urbana (1991). Nesta música o autor relata as dificuldades sofridas pelos jovens por não terem um emprego. Conforme destaca Prado, essa música tem um tom melódico e não é de

uma banda punk, além de mostrar que o personagem da canção vive sem sentido pelo fato de não ter reconhecimento em diferentes esferas da sua vida. A falta de emprego torna a vida ainda mais difícil para o personagem da música da Legião Urbana. Sobre isso, Prado afirma:

Assim, sentindo-se coagido pelas dificuldades supracitadas, o sujeito representado associou o mercado de trabalho e a elite econômica a vampiros, pois estes se nutrem de energia e força de seu grupo. Como consequência, o narrador não se enxergou como protagonista de sua vida, mas tal função foi exercida pelos detentores do capital. (Pág. 276).

Prado ainda faz uma importante reflexão sobre a música da Legião Urbana:

... o sujeito jovem foi obrigado a enfrentar, haja vista que na ausência de um emprego não se processou uma identificação com a idade adulta de forma plena, o que gerou um indivíduo melancólico, que não possuía referenciais para saber se de fato um adulto formado ou um jovem em dificuldades.” (Pág. 276).

O trecho a seguir da música da Legião Urbana complementa a reflexão de Prado:

“Quando me vi tendo de viver comigo apenas/ E com o mundo/ Você me veio como um sonho bom/ E me assustei, não sou perfeito/ Eu não esqueço/ A riqueza que nós temos/ Ninguém consegue perceber/ E de pensar nisso tudo/ Eu, homem feito, tive medo e não consegui dormir”.

A última canção trabalhada por Prado é “Um trem para as estrelas” do Cazuza (1988). É uma canção lenta e triste, que demonstra as contradições do Rio de Janeiro, que tem a beleza do Cristo Redentor e o sofrimento dos trabalhadores nos pontos de ônibus a caminho do trabalho. Prado explica que Cazuza trata do sofrimento dos trabalhadores por terem baixos salários, que os impedem de realizar seus sonhos e evidencia a desigualdade social gerada no mundo do trabalho. E a música diz:

“Todos querem se dar bem/ Num trem das estrelas/ Depois dos navios negreiros/ Outras correntezas/ Estranho o teu Cristo, Rio/ Que olha longe, além/ Com os braços sempre aberto/ Mas sem proteger ninguém.”

Vale salientar que a cultura do trabalho é um elemento fundamental no processo de socialização e identificado do jovem, tal como argumenta Prado.

4. Análises das músicas da Legião Urbana

Para análise desse artigo escolhemos a banda Legião Urbana. A Legião Urbana é uma banda muito importante do rock nacional, especialmente por fazer músicas que tratavam o que os jovens sentiam e viviam. A banda produziu 14 álbuns, sendo 8 de estúdio e 6 ao vivo. O álbum Dois (1986), que é o segundo da banda, é considerado um dos melhores. Petillo (2013) ressalta que esse álbum traz questões pertinentes para a juventude, como a ansiedade, o olhar desconfiado para o futuro, a solidão, os desencontros e as inseguranças. Vale salientar que algumas canções desse álbum são marcantes para pessoas de várias gerações, como “Daniel na cova dos leões”, “Quase sem querer”, “Eduardo e Mônica”, “Fábrica”, “Índios” e “Tempo perdido”. A Legião Urbana tornou-se uma espécie de voz de vários jovens e tratou de sentimentos vivenciados por esse grupo social no Brasil dos anos 1980 e 1990, marcado por diversas crises econômicas e sociais.

A Legião urbana como já mencionado foi uma das bandas fenômeno dos anos 1980 e 1990. Chegou a vender 25 milhões de discos, números extremamente altos para a época sem plataformas digitais. Para o presente artigo foram escolhidas duas canções para relacionar juventude e mundo do trabalho: “Música de Trabalho” e “Aloha”, ambas de 1996 e fazem parte do álbum “A tempestade ou o Livro dos Dias”.

A canção “Música de Trabalho” apresenta logo de início a conceitos como dignidade, valor e identidade demonstrando a centralidade do trabalho, conforme se percebe na seguinte estrofe:

“Sem trabalho eu não sou nada / Não tenho dignidade/ Não sinto o meu valor/
Não tenho identidade”.

Sobre esta questão colocada pela música, o estudo da OIT “Trabalho Decente e Juventude no Brasil” (2009) permite algumas reflexões, pois demonstra que muitos jovens brasileiros ingressam no mercado de trabalho por necessidade, ou mesmo por precariedade econômica e social de suas famílias. Por outro lado, esse estudo também indica que há jovens que ingressam no mercado de trabalho por desejar

autonomia, independência financeira, além de crescimento profissional e pessoal. Há inclusive jovens que entram no mercado de trabalho com o intuito satisfazer suas necessidades de consumo ou até mesmo com o objetivo e buscar a construção de sua identidade.

A identidade dos jovens pensada na música da Legião Urbana pode ser ilustrada pelo estudo da OIT “Trabalho Decente e Juventude no Brasil” (2009), que demonstra que os jovens, enquanto segmento social, possuem singularidades e uma identidade geracional própria, que os diferencia de outros grupos etários. Porém, essas singularidades geracionais não destroem a heterogeneidade existente entre os jovens. Há uma série de fatores que demonstram a diversidade da juventude: as diferenciações quanto a etnias e classes sociais, bem como as diferenças existentes em relação ao acesso à educação e ao mercado de trabalho.

Ainda nessa temática de dignidade e de valor abordada pela música, Carneiro e Silva, Galeto e Bastista (2020) entendem o desemprego juvenil como expressão da subalternidade dos grupos vulneráveis socialmente em uma sociedade de classes. Os autores consideram que se no contexto em que os jovens estão inseridos não existirem recursos e mecanismos para que eles desenvolvam suas potencialidades, eles terão um desenvolvimento humano deficitário. Eles ressaltam que muitos jovens vivem situações de vulnerabilidade social, visto que não possuem os meios adequados e suficientes para que tenham uma vida digna e plena. Sobre a vulnerabilidade social, eles ainda explicam:

“Quando discorremos sobre vulnerabilidade social falamos sobre o conjunto de características, habilidades e recursos que devem pertencer a um determinado grupo social, mas que são insuficientes para lidar com as oportunidades que são ofertadas pelo Estado, pelo mercado e pela sociedade, o que promove a dificuldade de ascensão ao estado de bem-estar ou plenitude da vida.” (Pág. 05).

Na visão de Carneiro e Silva, Galeto e Bastista (2020), os jovens são um grupo vulnerável. Além disso, a precarização das relações de trabalho faz que os jovens percam as poucas condições de promoção humana e social. Os autores mencionam que os jovens estão entre os grupos mais expostos a precariedade no mundo do trabalho, especialmente os jovens negros e moradores de periferias.

IX Seminário de Pesquisa FEPESP – “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas”
De 09 a 13 de novembro de 2020
GT 10 – Economia de Plataforma, Reformas Trabalhistas, Mundo do Trabalho e Juventudes.

Vale salientar que no entendimento de Carneiro e Silva, Galetto e Batista (2020), a falta de oportunidade para os jovens faz que eles permaneçam vivendo na situação de subalternos. Os autores ainda afirmam:

“Aliado aos processos de reestruturação do capital, a ausência da proteção do Estado brasileiro faz com que o desemprego juvenil no Brasil seja uma das expressões da condição de subalternidade da classe trabalhadora, no atual contexto do capitalismo contemporâneo.” (Pág. 10).

A situação retratada na canção é comum a muitos jovens brasileiros na atualidade. De acordo com os Dados da PNAD, do IBGE, fica demonstrado que cresceu a diferença entre a taxa de desemprego dos jovens e dos adultos em 2020. Os Jovens de 18 a 24 anos tem uma taxa de desemprego: 29,7%, enquanto entre os adultos: 13,3%, entre abril e junho de 2020.

Ainda nessa linha, a música ainda traz outras reflexões abordando o salário e o emprego. Faz menção ao salário miserável e relata a situação dos jovens empregados, mas que convivem com a precariedade, tal como se destaca fragmento da música a seguir:

“Mas o que eu tenho/ É só um emprego / E um salário miserável/ Eu tenho o meu ofício/ Que me cansa de verdade/ Tem gente que não tem nada/ E outros que têm mais do que precisam”

Os jovens enfrentam fortemente a precarização do trabalho, que os tornam mais dependentes das políticas públicas e do Estado, especialmente porque os empregos conseguidos remuneram mal e são marcados por grande rotatividade. Pochmann (2004) afirma que, na sociedade pós-industrial existe a oportunidade histórica de libertação da juventude da necessidade de trabalhar para sobreviver, mas para isso é preciso o avanço das políticas públicas e a criação de mecanismos instituídos pelo Estado, com o objetivo de retardar o ingresso no mercado de trabalho.

A partir de dados da PNAD Contínua, Neri (2019) demonstra que os jovens foram o grupo que mais perdeu renda do trabalho nos últimos cinco anos (2015 - 2019). Além disso, ainda cresceu a desigualdade social entre os jovens. O autor explica esse cenário:

IX Seminário de Pesquisa FEPEESP – “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas”
De 09 a 13 de novembro de 2020
GT 10 – Economia de Plataforma, Reformas Trabalhistas, Mundo do Trabalho e Juventudes.

“De maneira geral entre os jovens a renda da metade mais pobre caiu - 24,24% contra -14,66% da média geral. Os fatores de queda de renda e de aumento de desigualdade entre os jovens são os mesmos: aumento de desemprego, redução de jornada de trabalho, queda do salário por hora/ano de estudo.” (pág. 3).

Os dados da PNAD Contínua indicam ainda que há um aumento de desigualdade de 3,8% entre os jovens contra 2,7% do conjunto da população no período de 2014 até 2019.

Ainda nessa linha, a música ainda traz outras reflexões abordando o salário e o emprego. Faz menção ao salário miserável e relata a situação dos jovens empregados, mas que convivem com a precariedade:

“Mas o que eu tenho/ É só um emprego / E um salário miserável/ Eu tenho o meu ofício/ Que me cansa de verdade/ Tem gente que não tem nada/ E outros que têm mais do que precisam”

Os jovens enfrentam novas formas de precarização, que os tornam mais dependentes das políticas públicas e do Estado, especialmente porque os empregos conseguidos remuneram mal e são marcados por grande rotatividade. Pochmann (2004) afirma que, na sociedade pós-industrial há a oportunidade histórica de libertação da juventude da necessidade de trabalhar para sobreviver, mas para isso é necessário o avanço das políticas públicas e a criação de mecanismos instituídos pelo Estado, com o objetivo de retardar o ingresso no mercado de trabalho.

A partir de dados da PNAD Contínua, Neri (2019) demonstra que os jovens foram o grupo que mais perdeu renda do trabalho nos últimos cinco anos (2015 - 2019). Além disso, ainda cresceu a desigualdade social entre os jovens. O autor explica esse cenário:

“De maneira geral entre os jovens a renda da metade mais pobre caiu - 24,24% contra -14,66% da média geral. Os fatores de queda de renda e de aumento de desigualdade entre os jovens são os mesmos: aumento de desemprego, redução de jornada de trabalho, queda do salário por hora/ano de estudo.” (pág. 3).

Os dados da PNAD Contínua indicam ainda que há um aumento de desigualdade de 3,8% entre os jovens contra 2,7% do conjunto da população no período de 2014 até 2019. Corrochano e Abramo (2016) argumentam da dificuldade dos jovens para acessar e permanecer em um posto de trabalho decente.

IX Seminário de Pesquisa FEPESP – “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas”
De 09 a 13 de novembro de 2020
GT 10 – Economia de Plataforma, Reformas Trabalhistas, Mundo do Trabalho e Juventudes.

Outro trecho interessante da música diz:

“E quando chega o fim do dia / Eu só penso em descansar / E voltar pra casa pros teus braços / Quem sabe esquecer um pouco/ Do pouco que não temos/ Quem sabe esquecer um pouco/ De tudo que não sabemos”.

Essa estrofe retrata a questão da incerteza tão presente na vida dos jovens. O desemprego faz que cresçam entre os jovens as incertezas quanto ao futuro e restringe as chances de decidir o seu próprio destino, assim como dificulta o processo de mobilidade social. Sobre essa situação, Silva e Costa (2005) afirmam:

O não acesso ao trabalho, ao mesmo tempo em que dificulta a inserção na esfera do mercado, rompe com as possibilidades de desenvolvimento necessárias ao ser humano, como a socialização, a aceitação e valorização social (SILVA & COSTA, 2005, p.28).

No trecho apresentado da música também pode-se identificar a ideia de que ao chegar em casa é possível esquecer um pouco do trabalho. Contudo, essa rotina dos anos 1990 para cá foi modificada pelo avanço da tecnologia, os trabalhos home office e principalmente pelo *whatsapp*, que nem sempre significaram melhoria das condições de trabalho.

Ferreira e Sales (2019) argumentam que os jovens têm uma forte relação com as tecnologias e com a cibercultura. Para verificar esta relação, os autores analisaram uma tese e várias dissertações de mestrado e encontraram diversos conceitos para tratar a relação entre jovens e tecnologias, tais como: "ciborgue", "homo zappiens", "geração instantânea", "geração internet", "geração digital", "nativos digitais", "geração gamer", "geração net", "geração Y", entre outras. Sobre isso, os autores afirmam: “Grande parte dos conceitos utilizados para descrever os/as jovens remete à íntima relação que eles/as estabelecem com as tecnologias digitais e ao tempo que permanecem conectados/as no ciberespaço” (Pág. 35). Na visão de Ferreira e Sales, a escola não é a única esfera em que os jovens aprendem, pois atualmente eles podem ensinar e aprender no ciberespaço.

A segunda canção escolhida é “Aloha” – Legião urbana (1996) também do álbum *A tempestade*, último em que o cantor Renato Russo estava vivo. Aloha é uma saudação havaiana que significa estado de espírito. Trata-se de uma atitude de

IX Seminário de Pesquisa FEPESP – “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas”
De 09 a 13 de novembro de 2020
GT 10 – Economia de Plataforma, Reformas Trabalhistas, Mundo do Trabalho e Juventudes.

compartilhar boas energias. Os havaianos tem uma cultura particular ainda tem pertença aos Estados Unidos. A música “Aloha” da Legião Urbana diz ainda:

“Será que ninguém vê
O caos em que vivemos?
Os jovens são tão jovens
E fica tudo por isso mesmo
A juventude é rica, a juventude é pobre
A juventude sofre e ninguém parece perceber”

A falta de política pública para juventude está refletida nessas frases. De acordo com o estudo da OIT “Trabalho Decente e Juventude no Brasil” (2009), existem várias juventudes no Brasil, que estão imersas em diferentes cenários e que as políticas públicas para a juventude devem contemplar a heterogeneidade desse grupo social, inclusive no que tange ao sexo, à raça, ao local de moradia, à posição no domicílio, entre outros aspectos.

Os jovens das classes populares enfrentam maiores obstáculos tanto para vivenciar a juventude quanto para ingressar na vida adulta e, ainda, são objetos de preocupação quanto sujeitos de transformação. Isso porque as gerações de jovens podem fazer que sejam criadas identidades e que sejam discutidos e até questionados os valores, as normas sociais e as instituições e isso está descrito na estrofe abaixo:

“A juventude está sozinha
Não há ninguém para ajudar
A explicar por que é que o mundo
É este desastre que aí está
Eu não sei, eu não sei
Dizem que eu não sei nada
Dizem que eu não tenho opinião

A preparação para a vida adulta varia conforme as condições de vida oferecidas aos jovens, no que tange, sobretudo, ao acesso à educação, às políticas públicas de saúde, ao trabalho e ao lazer. Assim outro ponto atrelado a vida adulta é a experiência, conforme esse trecho:

Dizem que eu não sei nada
Dizem que eu não tenho opinião

IX Seminário de Pesquisa FEPESP – “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas”
De 09 a 13 de novembro de 2020
GT 10 – Economia de Plataforma, Reformas Trabalhistas, Mundo do Trabalho e Juventudes.

Nesse sentido existe um discurso conservador que culpa os próprios jovens por não conseguirem ingressar no mercado de trabalho. Esse discurso defende que faltam aos jovens as qualificações exigidas pelo mundo do trabalho. A música Aloha da Legião Urbana ainda diz:

Me compram, me vendem, me estragam
E é tudo mentira, me deixam na mão
Não me deixam fazer nada

A inexperiência acaba por muitas vezes por ser uma justificativa para as barreiras ao primeiro emprego, relacionadas ao fato de os jovens possuírem poucos contatos, assim, não teriam como ser indicados nas empresas. E a canção diz:

E a culpa é sempre minha, oh yeah!”

A questão da culpa retratada na música reflete o fato de os jovens não podem depender apenas do seu próprio esforço para ter acesso à educação, a um emprego com direitos e à possibilidade de fazer parte do mundo do consumo e da mobilidade social. Desse modo, o Estado tem um papel de grande relevância para que a juventude possa ter direito a ter direitos econômicos, sociais e políticos.

Boa parte dos jovens, devido à atual conjuntura do mundo do trabalho, considera os outros jovens como ameaça na luta pela manutenção, ou mesmo na conquista, do posto de trabalho. Assim, ganha força o individualismo do ‘cada um por si’, conforme o trecho final da música:

“E meus amigos parecem ter medo
De quem fala o que sentiu
De quem pensa diferente
Nos querem todos iguais
Assim é bem mais fácil nos controlar
E mentir, mentir, mentir.”

5. CONCLUSÃO

A juventude vem pautando sua existência no Brasil atual pela junção de quatro fatores: incerteza, desemprego, precarização e a ineficiência de muitas políticas públicas em permitir que vários direitos sejam garantidos aos jovens. Nesta conjuntura os jovens encontram dificuldades tanto para ingressar quanto para permanecer no mundo do trabalho.

Conforme se demonstrou nesse artigo, o rock é uma forma de expressar valores e questões próprias da juventude, especialmente rebeldia, transgressão, sofrimentos, amores e até as dificuldades encontradas pelos jovens no mundo do trabalho.

As músicas da Legião Urbana analisadas neste trabalho trazem importantes reflexões sobre o desemprego juvenil e a precarização encontrada por aqueles que conseguem se inserir no mundo do trabalho. Ao mesmo tempo em que as músicas mostram o quanto os jovens nem sempre têm acesso aos seus direitos e que em diversas vezes não são ouvidos pelos adultos, especialmente pela família e pelo Estado.

6. REFERÊNCIAS

ANAZ, Silvio. **O que é rock**. São Paulo: Popbooks, 2013.

CARNEIRO E SILVA, Silmara, GALETO, Pedro Henrique e BASTISTA, Rafaela Karoline. Juventude, mundo do trabalho e vulnerabilidade social: o desemprego juvenil no Brasil como uma expressão da condição de subalternidade da classe trabalhadora. **Revista Emancipação**, vol. 20 (especial), 2020.

CORROCHANO, Maria Clara; ABRAMO, Laís Wendel. “Juventude, educação e trabalho decente: a construção de uma agenda”. **Linhas Críticas**, vol. 22, nº 47, UNB: Brasília, jan – abr 2016.

DEMARCHI, André Luiz Campanha. Legionários do Rock: um estudo sobre quem pensa, ouve e vive a música da Legião Urbana. **Dissertação de Mestrado em Sociologia e Antropologia**, UFRJ, 2006.

FERREIRA, Aline Gonçalves & SALES, Shirlei Rezende. “Nativos digitais”, “Geração Internet”, “Homo Zappiens”, “Ciborgue”: Juventude conectada às tecnologias digitais. **Revista Textura**, ULBRA, vol. 21, nº 47, julho / setembro de 2019.
<https://cps.fgv.br/juventude-trabalho>

NERI, Marcelo (coord.). “Juventude e Trabalho - Qual foi o Impacto da Crise na Renda dos Jovens? E nos Nem-Nem? “, Rio de Janeiro, RJ – Novembro/2019 - FGV Social – 28 páginas -

OIT. **Trabalho decente e Juventude no Brasil**. Brasília: OIT, 2009.

PETILLO, Alexandre. **Curtindo música brasileira**. Caxias do Sul: Editora Belas Letras, 2013.

POCHMANN, Marcio. “Juventude em busca de novos caminhos no Brasil”. In: NOVAES, Regina e VANNUCHI, Paulo (Organizadores). **Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

PRADO, Gustavo dos Santos. “Há uma espada sobre a minha cabeça. O mundo do trabalho na visão do rock nacional na década de 1980”. In: *Revista Mundo do Trabalho*, vol. 6, nº 11, janeiro-junho de 2014.

SARAVÍ, Gonzalo A. “Juventud y sentidos de pertencencia em América Latina: causas y riesgos de fragmentación social”. In: **Revista Cepal**, nº 98. Santiago – Chile: agosto de 2009.

IX Seminário de Pesquisa FEPESP – “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas”
De 09 a 13 de novembro de 2020
GT 10 – Economia de Plataforma, Reformas Trabalhistas, Mundo do Trabalho e Juventudes.

SILVA, Eliane Lopes e COSTA, Lucia Cortes da. “O desemprego no Brasil da década de 1990”. In: **Revista Emancipação**. Volume 5, número 1. Ponta Grossa – PA: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2005.

SOUZA, Marina Batista Chaves Azevedo de Souza & LUSI, Isabela Aparecida de Oliveira. Juventude, trabalho informal e saúde mental. **Política e Trabalho. Revista de Ciências Sociais**, nº 51, julho / dezembro de 2019.

WELTERS, Angela. Os filhos adolescentes e o mercado de trabalho: uma análise do perfil sócio-econômico, familiar e de gênero dos jovens entre 15 e 19 anos no Brasil em 2006. **Dissertação de Mestrado**. Instituto de Economia, Campinas: UNICAMP, 2009.